

# UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DOS MOVIMENTOS FEMINISTA: UMA RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE MASCULINA

Débora Fernandes Sousa.<sup>1</sup>  
Rosângela Nascimento Souza.<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho procura fazer uma análise sociológica diante do aspecto relacional entre mulheres e homens, observando a reconstrução da identidade masculina perante os movimentos feministas. Esses movimentos provocam mudanças significativas, como a participação das mulheres nas esferas de todas as atividades na sociedade, buscando a conquista de direitos à cidadania. Também focalizamos as mulheres no exercício do trabalho, da política, no terreno da educação, ou dos direitos civis, não deixando de exercer seu papel no âmbito familiar. A partir das conquistas obtidas pelas mulheres através dos movimentos feministas, nos propomos a analisar como o homem se situa diante dessa nova realidade, uma vez que é notória uma inversão de valores entre o gênero na sociedade.

**Palavras-chave:** movimentos feministas; homem; gênero.

## Introdução

A partir dos movimentos feministas com a finalidade de mostrar as grandes mudanças que ocorreram no comportamento feminino e conseqüentemente no masculino, procuraremos traçar a nova identidade do homem.

Diante da história do movimento feminista brasileiro, inevitavelmente levou a transformação da cultura feminista em contato com o mundo masculino, trata-se de uma democratização desse mesmo espaço no universo feminino.

Partindo da premissa do movimento feminista e de suas conquistas relacionada às mulheres, percebemos também uma mudança no comportamento do homem, desconstruindo símbolos do poder masculino no que diz respeito às hierarquias ao mesmo tempo em que veio contribuir para o surgimento de novas características no comportamento do homem.

## 1 Movimentos feministas, história de lutas

Os movimentos feministas mudaram de fato a relação daqueles movimentos sufragista, emancipacionistas do século XIX, e mudou também em relação aos anos 60, 70, até mesmo 80 e 90. Esse momento do feminismo nasce na América Latina nos anos 70 em meio ao autoritarismo

---

<sup>1</sup> Aluna do quarto período do Curso de Bacharelado de Ciências Sociais da UFCG/CAMPUS-I

<sup>2</sup> Aluna do quarto período do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais da UFCG/CAMPUS-I.

e a repressão dos regimes militares dominantes e das falsas democracias claramente autoritárias. E surge como consequência da resistência das mulheres a ditadura militar por conseguinte, ligado aos momentos de oposição que lhe deram uma especificidade determinante, sob o impacto do movimento feminista internacional e como consequência do processo de modernização que implicaram em uma maior incorporação das mulheres no mercado de trabalho e a ampliação do sistema educacional. Nesse contexto de crise e de construção de novos modelos de subjetividade, desde os anos setenta, emergiu o “feminismo organização”, como movimento de mulheres das camadas médias, na maioria intelectualizadas, que buscavam novas formas de expressão da individualidade.(Goldberg, 1986).As feministas levantaram contra a ditadura militar, defrontava-se com o poder masculino dentro das organizações de esquerda, para impedir a dominação machista, e desconstruindo o conceito de que a mulher é vista como sombra do homem, e que lhe dava o direito apenas como auxiliar do crescimento masculino.

Fora do feminismo, mas também influenciadas por ele, surgiram revistas destinadas ao público feminino mais amplo, como as revistas NOVA e MAIS, da Editora Abril Cultural, inspiradas nos padrões jornalísticos norte-americanos, que propunham novas linguagens em relação ao corpo e à sexualidade das mulheres e uma reflexão que, embora construída nos marcos de um pensamento contestador, avançaram a discussão de assuntos considerados tabus, como sexo e o orgasmo da mulher.(Moraes e Sarti, 1980).

## **2 Conquistas dos movimentos feministas e instrumentos de políticas públicas**

Durante os anos oitenta os movimentos feministas teve a participação em vários setores da vida pública, através de manifestações as mulheres lutaram pelos seus direitos e necessidades e denunciaram a desigualdade social que eram imputadas às relações de gênero.

A partir dos anos noventa houve uma expansão nos movimentos feministas e algumas mudanças podem ser observadas na criação das ONG's (Organização não-governamental), feministas, também na participação em fóruns nacionais e internacionais. Surgiram inúmeras associações feministas no país, como o **Centro Brasileiro da Mulher**, no Rio de Janeiro, a **Associação de Mulheres**, de São Paulo, futuramente denominada “**Sexualidade de Política**”, o **Coletivo Feminista** do Rio de Janeiro, o **Coletivo Feminista** de Campinas, **SOS Violência** de São Paulo, o **SOS Campinas**, o **SOS Corpo**, no Recife, o **Maria Mulher**, em João Pessoa, o

**Brasília Mulher**, o **Brasil Mulher**, o Grupo “**Sexo Finalmente Explícito**”, o **Centre de Informação da Mulher**- CIM, de São Paulo, entre outros. Desta forma em São Paulo em 1982, foi criado o Conselho Estadual da Condição Feminista, e em 1985, surge a primeira Delegacia Especializada da Mulher.

Na luta pelo direito à cidadania, denunciando as múltiplas formas da dominação patriarcal, da opressão machista imposta pelo comportamento de uma sociedade arcaica, as feministas lutavam por creches, por transportes, como o aborto e a violência sexual contra as mulheres, temas bastante pertinentes nos meios pobres e ricos. Assim, estabeleceu dois movimentos liderados pelas mulheres - o movimento feminista e o movimento de mulheres, para as feministas foi certamente lucrativo porque passaram a atingir uma rede muito mais ampla de mulheres. O feminismo desenvolveu e ampliou suas bandeiras de lutas, dando destaque às questões da violência contra as mulheres e dos direitos reprodutivos.

São enormes as conquistas realizadas pelos feminismos em todos os campos da vida social, especialmente no que se refere à aceitação das mulheres no mercado de trabalhos e ao seu reconhecimento profissional. As mulheres destacam-se em vários espaços públicos, como nos postos de gasolina, nos restaurantes e bares, nas lojas, bancos, empresas, nas escolas e Universidades, ou nas delegacias, seu número aumentou consideravelmente, mesmo que muitas vezes não seja nos postos de comando as mulheres queixam da dupla jornada de trabalho e pagam um alto preço por participarem da vida pública.

A luta para inclusão das mulheres à cidadania não se caracteriza pelo desejo das relações de gênero, mas como um complemento para o bom andamento da sociedade. Assim a guerra entre os sexos não terminou e se acentuam nos novos fronts: o profissional e o afetivo.

### **3 Os movimentos feministas mudando as estruturas sociais, relacionadas ao homem e a mulher**

Se existe algo que a modernidade trouxe de positivo, foi a crise entre os gêneros. Antes da primeira Guerra Mundial os papéis do homem e da mulher eram bem definidos. De um lado os homens eram educados desde crianças para serem machos, fortes, viris, líderes. Enquanto as mulheres eram educadas para serem delicadas, femininas, e submissas. Com as sucessivas guerras, o mundo estava em colapso e as funções sociais começam a sofrer transformações. Os homens cada vez mais ausentes, por estarem em batalhas, obrigavam as mulheres a trabalhar para

sustentar seus filhos, e depois para reconstruir as cidades arrasadas. As mulheres perceberam que não precisavam do homem para se sustentar, e mais tarde com o advento das pílulas anticoncepcionais as mulheres perceberam que não precisava de um marido para manter suas relações sexuais, a gravidez já não é mais um risco, e a crise de gênero começa.

Ao falarmos a palavra gênero, logo nos remetemos à questão feminina. Porém utilizaremos o conceito de Joan Scott pra definirmos esse termo. Ele conceitua gênero com uma categoria útil a história e não apenas a história das mulheres. Ele pode se referir à história das mulheres, mas não pode esquecer os homens, as relações entre homens e mulheres e entre si individualmente.

O feminino é uma ameaça constante a masculinidade. E atualmente a identidade masculina tem sofrido uma verdadeira crise, devido aos movimentos feministas que no final da década de 1960 e início da década de 1970 marcaram profundamente as mudanças dos papéis masculinos e femininos na sociedade brasileira. A partir dessas décadas se inicia uma produção em larga escala de trabalhos acadêmicos relacionados à questão de gênero. Tudo isso para tentar mostrar as diferenças existentes entre a “natureza” feminina e masculina, e também para reafirmar que o ideário das características particulares pertencentes ao homem e a mulher são socialmente construídas. Porém a grande maioria dessas produções acadêmicas é exclusivamente voltada para estudar às problemáticas do gênero feminino. Maria Beatriz Nader pondera uma resposta para essa temática: “..., o fato de as justificativas desses estudos situarem a mulher na sociedade como um ser que nunca participou da história, por ter tido sua história atrelada à história da família e, por isso, agora merece ter sua vida pesquisada.” (Nader, pg 117).

É importante ressaltar que foi nas décadas de 60 e 70 que o movimento feminista ganha força no Brasil. A mídia de uma forma geral começa a dar importância às reivindicações femininas. Essas lutas pelos direitos da mulher questionaram a tradicional divisão dos papéis sociais, as mulheres se recusam, a partir desse momento, a serem chamadas de segundo sexo ou sexo frágil, e se cansam de serem apenas mães, esposas e donas de casa. Elas buscam seu espaço no campo profissional e político. De uma maneira mais ampla os movimentos feministas mudam as relações entre homens e mulheres, e conseqüentemente reformula os padrões sexuais existentes.

Agora existem novos modelos de masculinidade e feminilidade. Hoje mais do que nunca existem homens e mulheres com gostos, desejos e comportamentos semelhantes. Apesar de tudo

é evidente que ainda sobrevivem algumas diferenças principalmente as que estão relacionadas ao trabalho doméstico, ainda pertencentes a mulher.

#### **4 A superioridade masculina sendo confrontada com a emergência feminina**

Os movimentos de libertação feminina dos anos 60 e 70 produzem mudanças não apenas no comportamento feminino, mas, automaticamente no masculino. Porém pouco se estudada as transformações no universo masculino. Segundo Maria Beatriz Nader a resposta poderia ser essa:

Talvez a existência de poucos trabalhos cujo objeto de estudo seja a vida do homem, se justifique pelo fato de o mesmo ter sido considerado pela sociedade o representante da humanidade. Não é à toa que a onipresença masculina se faz presente em todos os setores da sociedade. O desenvolvimento da medicina, da economia, da mentalidade, da política perpassou pelo homem, dando-lhe autoridade para decidir, organizar, coordenar, inventar, modelar, dominar e controlar todas as sociedades, religiões e culturas. Logo os estudos sobre a vida do homem não despertavam a academia. Os objetivos das investigações acadêmicas voltados para a humanidade já estudavam o homem em sua essência, referindo-se simplesmente ao “homem” como ser ambivalente e representante de toda a humanidade. Não havia a necessidade de se estudar particularmente o homem, pois na humanidade homens e mulheres são todos homens. (Nader ,2006)

Por muito tempo o homem se viu como o ser superior da humanidade, o sistema patriarcal e o cristianismo consagraram ainda mais esse conceito de superioridade masculina, fazendo com que o homem se entendesse como o ser mais importante de todas as sociedades, e havia uma constante vigilância para a manutenção da masculinidade. As pesquisas e estudos direcionados a problemática da mudança do comportamento, depois das transformações culturais, sociais e econômicas ocorridas nas décadas de 1960, se voltam mais a questão da construção histórica do comportamento masculino, evidenciando a dependência do homem ao seu trabalho, pois esta é a principal referência para a construção do modelo de comportamento dos homens. Porém com as conquistas dos movimentos feministas, como a inserção da mulher no mercado de trabalho, as relações de gênero vão sofrer profundas mudanças, e qual será o comportamento dos homens

frente a essa nova realidade? É indiscutível que essas novas mudanças conquistadas pelas mulheres são conquistas, como afirma Nader, “sem volta”.

Hoje as mulheres são colocadas em pé de igualdade com os homens, porém como estes, antes acostumados com o poder soberano reagem a essas mudanças? Mulheres participando da vida política, do mercado de trabalho, atuando em setores que eram se exclusividade do homem, mudam visivelmente o comportamento dos mesmos, como também a vida de toda a sociedade. O homem agora precisa aprender conviver com a mulher não apenas no espaço doméstico, mas também fora. Pois agora elas se negam a apenas serem donas de casa e mães, e por rebeldia e necessidade as mulheres escolhem trabalhar fora de casa e diminuir o número de filhos. Ao se inserir no mercado de trabalho e mudar suas relações com as atividades domésticas e com a maternidade, a mulher muda toda a esfera publica e aumenta a cobrança, por parte das mulheres, para que o homem participe com maior frequência dos afazeres domésticos e da educação dos filhos. Muitos homens lutam contra essas mudanças, por acreditarem que o cuidado dos filhos e da casa é de responsabilidade feminina, pois a sua própria biologia assim o determina. Para muitos homens a principal função da mulher era o de reproduzir, por este motivo ocorreram muitos embates entre os gêneros.

Só depois dos anos de 1990, com choque causado pelo feminismo e com a ajuda dos meios de comunicação, a severidade da identidade masculina começa a ser alterada, os homens percebem que não precisam mais provar a todo instante a sua masculinidade, e se permitem reagir e também a participar dessa evolução social, modificando a sua forma de ver o papel que desempenhava na sociedade. Pouco a pouco surgem então novos personagens como o homem metrossexual, que se preocupa com sua aparência, usa cosméticos, se preocupa em estar sempre com roupas da moda, faz tratamentos de beleza. Isso tudo pelo fato de as mulheres estarem muito exigentes ao escolherem seus parceiros. É interessante comentar isso, pois esses cuidados masculinos atualmente são tão intensos que as indústrias de cosméticos possuem linhas de beleza exclusivamente masculina. Mas não surgem apenas os homens metrossexuais, personagem central de uma sociedade consumista, surgem também os homens que escolhem cuidar da casa e dos filhos, muitas vezes abrindo mão de grandes empregos para ficarem mais perto de sua família e participarem ativamente da educação de suas crianças. Surgem também os homens que não se constringem em assumir publicamente sua opção sexual, como, gays, travestis, bissexual, transexual, e tantos outros.

Com o advento do feminismo, o modelo tradicional de como deve ser um homem, não consegue mais se sustentar frente a todas essas mudanças comportamentais, afetivas, sexuais e sociais. O modelo de masculinidade desse novo homem se baseia na capacidade que ele tem em demonstrar seus sentimentos sem nenhum constrangimento, independente de onde esteja, executar tarefas domésticas e cuidar dos filhos.

De toda forma as maiorias dos homens não aceitam de bom agrado a competição feminina no mercado de trabalho, muitos deles se sentem humilhados ao terem como chefe alguma mulher. Toda essa oposição a mulher se traduz no medo que o homem tem em perder o seu poder. E essa situação se agrava quando suas companheiras de relacionamento passam e ter um salário maior que eles. Apesar de tudo isso os homens acreditam que as mulheres não devem se restringir apenas ao âmbito doméstico, e devem também trabalhar para ajudar no sustento da família.

Muitas foram às mudanças ocorridas na mentalidade masculina, porém permanecem ainda alguns preconceitos relacionados aos novos direitos da mulher. Mas de toda forma não podemos deixar de citar as muitas transformações que os homens passaram e ainda vão passar, pois tudo isso exige grande esforço por parte deles. Uma vez que é difícil mudar conceitos a tanto tempo já cauterizados em nossa sociedade.

### **Considerações finais**

Este artigo teve como finalidade apresentar as múltiplas faces do feminismo no Brasil, mostrar o modo como as relações entre os sexos foram construídas em determinado tempo histórico, e de como as mulheres brasileiras influenciadas pela necessidade econômica e pelo advento do feminismo se tornaram profissionais e buscaram seu espaço no mercado de trabalho, isso produziu uma profunda transformação na sua forma de se relacionar com a sociedade, em especial com os homens.

O homem tem percebido que não adianta mais continuar com o mesmo comportamento autoritário e machista. Eles precisam se adequar a nova realidade. Porém mesmo que estas mudanças aparentem serem rápidas, elas são relativamente lentas, uma vez que por muito tempo perdeu o ideal do patriarcalismo e do cristianismo, onde o homem tem o “direito” de mandar.

Contudo, diante de todas as conquistas femininas os homens já não conseguem manter com tanta veemência a sua “superioridade”. A mentalidade masculina ao poucos vem se transformando em algo que consideramos bem melhor, não só para as mulheres, mas para os

próprios homens. Agora é certa forma, permitindo ao homem o direito de demonstrar seus sentimentos e cuidar de sua beleza sem que seja questionado, participar ativamente de educação de seus filhos, enfim poder ser alguém de carne e osso sem precisar a todo instante demonstrar a sua virilidade como homem.

Nessa nova realidade social, não há mais espaço para o moralismo outrora reinante, o que nós faz acreditar em uma sociedade mais justa e humanista.

## Referências

BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a Identidade Masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1980.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 1999.

DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos César de (org). *Historiografia Brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, p. 217 – 235.

GOLDBERG, Anette. *FEMINISMO E AUTORITARISMO: A Metamorfose de uma utopia liberação em ideologia liberalizante, dissertação de mestrado*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1987.

GOLDENBERG, Mirian. *Sobre a invenção do casal. Estudo e pesquisa em psicologia*. Disponível em: <[www.miriangoldenberg.com.br](http://www.miriangoldenberg.com.br)>. Acesso em: 10 jun 2008.

MORAES, Maria Lygia Quartim; SARTI, Cíntia. “Aí a porca torce o rabo”. In: BRUSCHINI, Christina e Rosemberg, Fúlvia. *VIVÊNCIA*. São Paulo: Carlos Chagas/ Brasiliense, 1980.

NADER, Maria Beatriz. Gênero, educação e identidade - O impacto do movimento feminista na (re) construção da identidade masculina. In: SILVA, Gilvan Ventura da; NADER, Maria Beatriz; FRANCO, Sebastião Pimentel (orgs). *As identidades no tempo: ensaios de gênero, etnia e religião*. Vitória: EDUFES: Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em História, vol. 2, 2006, p.117 -133.

NOLASCO, S. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro; Rocco, 1995.



OTTO, Clárcia. *O feminismo no Brasil: suas múltiplas faces*. Florianópolis: Revista Estudo Feminino. 2004, vol.12, nº 2 .

RORTY, Richard. *Contingência, Ironia e Solidariedade*. Lisboa: Editorial Presença,1994.

SCOTT, Joan W. Gênero. *Uma categoria útil da análise histórica. Educação e realidade*. Porto Alegre.1990, vol. 12, nº 2,p.5.